

encontram-se trabalhadas, com excepção das que foram feitas posteriormente e que são lisas. A parte superior, assente no solo, está totalmente encoberta por dura argamassa, o que torna, por enquanto, impraticável a sua mensuração. Seria esta peanha a base do antigo monumento sepulcral? Talvez, quando for retirada do local, se possa responder a esta pergunta.

Não deixa de ser interessante notar o facto da inscrição não haver sido destruída, mau grado a sua origem pagã. Simples obra do acaso? Efeitos de sobrevivência duns restos de temor pelas divindades pagãs que a nova religião — embora intransigente a tal respeito — não teria conseguido destruir? Uma má interpretação da palavra DIS que teria provocado um erro de identificação?

Voltaremos ao assunto quando nos referirmos de novo a achados idênticos.

Seria, a nosso entender, da maior conveniência que estes restos, que jazem ao abandono e sujeitos a destruição certa, fossem salvos, recolhendo a museu condigno, por acaso o museu concelhio que se está organizando em Sintra.

(Centro de Estudos de Etnologia Peninsular).

J. CAMARATE FRANÇA.

Abrigos pastoris na Serra do Soajo

Os maciços montanhosos do noroeste do país, são um relicário precioso de arcaísmos vivos e mortos. Para quem percorre as suas vastas chãs, ou se aventura pelas ásperas brenhas alcançadas, donde se descobrem horizontes recortados e nus duma dureza selvagem, que não tem par em Portugal, surgem a cada passo curiosas construções do passado e do presente. Félix Alves Pereira, descreveu muitas antas e mamoadas por ele encontradas nas montanhas da margem esquerda do Vez, que calcorreou repetidas vezes ⁽¹⁾, e não deixa de mencionar construções de data imprecisa, que não sabe se são dos domínios da Arqueologia ⁽²⁾. É de facto difícil, por vezes, dizer se estes ou aqueles amontoados de pedras, que a mão do homem arrastou, são pré-históricos ou de há poucas gerações. Para isso era necessá-

(1) Félix Alves Pereira, *Um passeio arqueológico no concelho dos Arcos de Valdevez*, in «O Arqueólogo Português», vol. VII, Agosto e Setembro de 1902, n.os 8 e 9, págs. 193-209.

(2) Félix Alves Pereira, *obra cit.*, pág. 204.

rio precisar conceitos de tempo e de História — A vida do homem decorre por vezes em estádios infra-históricos, que interessam de modo especial à Etnografia, mas de fronteiras vagas e imprecisas para quem se dedica às ciências históricas e pré-históricas, que são por natureza essencialmente temporais.

Como Alves Pereira, fiquei também várias vezes indeciso acerca do significado de certas ruínas. Uma cerca de pedras, com vestígios de construções, mesmo junto ao Alto da Pedrada (1.415 m.), pareceu-me indiscutivelmente dos domínios da Arqueologia. O mesmo se deve dar com uma série de montículos de pedra na margem esquerda dum ribeiro que desce para a povoação do Soajo. Mas quem o poderá dizer, assim a um primeiro exame? Deixo isso ao cuidado dos especialistas e vou-me limitar àquelas construções que sei de ciência certa serem utilizadas nos nossos dias, embora talvez não difiram muito das que se usaram por aquelas serras desde os primeiros tempos em que os homens por lá começaram a pastorear rebanhos.

A Serra do Soajo oferece-nos uma grande variedade de cabanas pastoris. Encontram-se lá, desde o abrigo troglodítico, cavado nos granitos podres, até à cabana de planta circular, toda uma série de curiosas construções, que servem de abrigo temporário a pastores e por vezes aos seus rebanhos.

A distribuição dos diferentes tipos de abrigo não é arbitrária e está condicionada não só aos fins especiais a que estes se destinam, como às possibilidades que a topografia oferece.

Os chamados currais, cavados na terra, como as habitações troglodíticas de outras regiões, encontram-se no fundo das encostas que descem para o Soajo, principalmente entre a povoação do Soajo e as suas *brandas*. A entrada é formada por padieira e ombreiras de pedras talhadas como as que se vêem nas casas mais rústicas do norte, mas o interior é um simples recinto cavado. Muitos deles têm uma cerca de pedras em frente da porta, com uma pequena entrada, para se poderem aí guardar os animais (Est. 1). Abrigos idênticos encontram-se com frequência nas faldas da Serra Amarela, ao descer para Aboim da Nóbrega, servindo para guardar carros e alfaias agrícolas.

Outro abrigo, não muito frequente, mas ainda utilizado como casa de pouca permanência, pelos pastores que aí dormem e cozinham, é a cabana de planta circular. Fotografámos uma perto da margem direita do ribeiro que desce do alto da Serra para o Soajo, construída numa pequena chã, alcandorada sobre fraguedos que parecem ameaçar rolar pela declivosa ravina (Est. 1). Tachos, um saco, um alvião e uma candeia acusavam a presença do homem. Porém, para todos os lados que olhássemos, não

víamos vivalma — e contudo é possível que o seu morador nos espiasse de bem perto ⁽³⁾.

A cabana de planta circular de pequeno diâmetro (uns 3 m.), era construída em pedra seca a fechar em falsa abóbada, e coberta de torrões com ervas. Em redor tinha uma cerca, também de pedra seca, circular como a cabana.

Este tipo de construção é o mesmo que se vê nas serras que se estendem para norte e para leste ao longo da fronteira. São sobretudo numerosas nas Serras Amarela e do Gerês, onde por vezes são maiores e mais bem construídas, podendo dormir nelas várias pessoas à vontade ⁽⁴⁾.

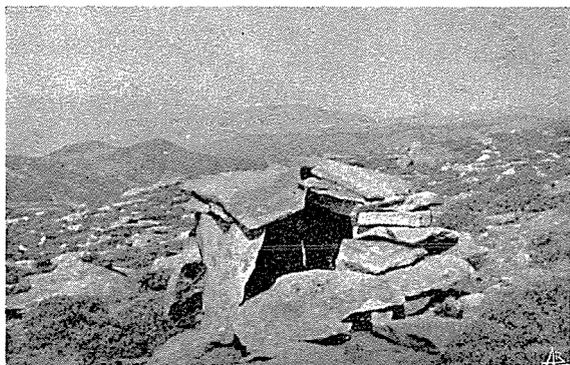
O terceiro tipo, muito curioso por se apresentar em agrupamentos formando pequenos povoados, encontra-se nas rechãs elevadas onde há melhores terrenos para pasto de bovinos. Perto da casa do guarda florestal do posto da Portela do Mezio ⁽⁵⁾, encontra-se um destes grupos de habitações ciclópicas, que de longe faz lembrar uma povoação do passado. As casas de planta rectangular, são construídas com grandes blocos bem encastelados, mas pouco eficientes contra as intempéries. Situadas acima dos 700 metros de altitude, num planalto desabrigado e varrido pelos ventos frios e húmidos do norte e noroeste, estas cabanas mesmo nas noites de Verão não devem oferecer um abrigo muito confortável. Contudo, servem para aquela gente rude, pouco afeita a conforto e que busca mais uma defesa contra a chuva do que contra os ventos. Estas casas fecham também em falsa abóbada, que quase toma uma forma piramidal. As entradas baixas e estreitas não permitem que se entre nelas de pé, obrigando a uma ginástica muito incómoda. Isto dá-se aliás também nas cabanas de planta circular de que acima falamos. Algumas destas casas têm pequenas cercas, onde se guarda a lenha e onde se cozinha (Est. II).

Estes minúsculos povoados só habitados durante um curto período do Verão, são também *brandas* (do lat. *veranata*). Não as brandas de Castro Laboreiro, que são autênticas povoações habitadas por todas as famílias da aldeia, que para ali se deslocam em certos períodos do ano, mas por aqueles a quem é confiado o gado que vai pastar para a serra e aí permanece uma temporada.

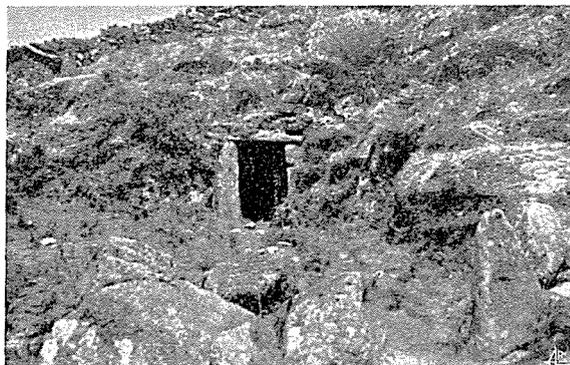
(3) Foram meus companheiros nesta excursão o Prof. Carlos Teixeira e o Eng.^o Mariano Feio.

(4) Jorge Dias, *Las construcciones circulares del Noroeste de la Peninsula Ibérica y las citanias*, in «Cuadernos de Estudios Gallegos», fasc. vi, año 1946. Ver estampas I e II depois da pág. 180.

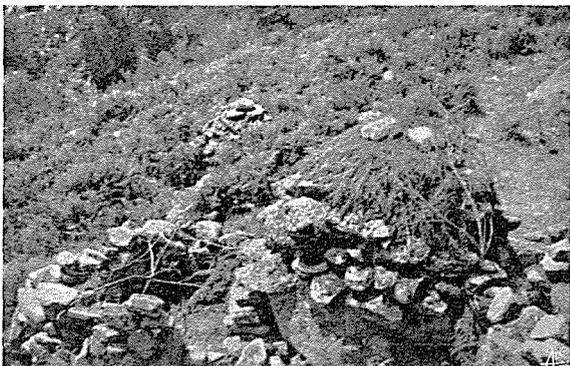
(5) Cabana Maior, Arcos de Valdevez.



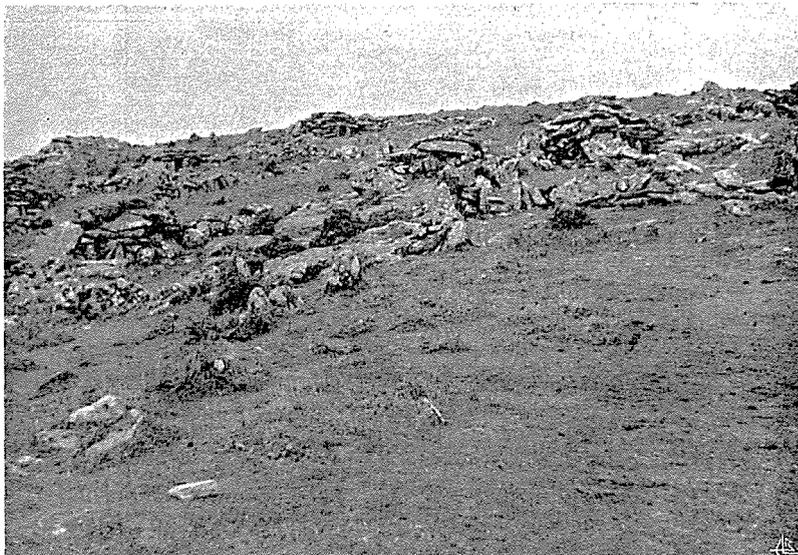
Abrigo pastoril das alturas



Cabana troglodítica



Cabana circular em falsa abóbada
com cerca também circular



Branda da Portela do Mezio

(Cliché de Henrique de Oliveira).



Cabana fechada em falsa abóbada da branda da Portela do Mezio

(Cliché de Henrique de Oliveira).

O exame desta rústica branda parece confirmar a hipótese que há anos formulei, relativamente às Casarotas da Serra Amarela (6).

A semelhança é tão flagrante que parece excluir qualquer dúvida. É certo que as Casarotas são ainda mais rústicas e impressionantes pelo seu aspecto ciclópico, mas a situação, agrupamento e orientação correspondem inteiramente ao que observámos na branda da Portela do Mezio.

Quando estudei as Casarotas só conhecia as brandas de Castro Laboreiro, que são autênticas povoações, com casas tão bem acabadas como as das povoações permanentes.

Apesar disso pareceu-me haver uma relação estreita na sua finalidade, razão porque aventei a hipótese de ter sido uma branda há séculos abandonada. Hoje, em face destas brandas rústicas do Soajo, o que há anos era suposição torna-se quase uma certeza, que será ou não confirmada se um dia os especialistas decifrarem a inscrição que lá encontrámos (7) e fizerem uma escavação metódica do fundo dessas cabanas.

Que há séculos não são utilizadas deduz-se da interpretação lendária dos habitantes de Vilarinho da Furna, de cuja memória já se varreu a recordação da sua primitiva finalidade. O sistema de aproveitamento dos pastos das alturas, usado pelos furnenses, torna desnecessário o uso das brandas (8). Com certeza essa simplificação do regime pastoril é já antiga e deve datar dessa época o abandono da branda. Na Portela do Mezio a branda mantém-se porque a tradição é muito viva na região, onde as deslocções se fazem muitas vezes não só por razões pastoris mas também agrícolas.

O último tipo de abrigo, que vimos no Soajo, é uma cabana de pouca permanência, feita de grandes lajes erguidas num dos pontos mais altos da Serra. Este tipo de cabana só serve para proteger os pastores de gado miúdo dos grandes aguaceiros e ventanias, e nunca para pernoitar. Abrigos deste género são frequentes nas serras, mas raras vezes apresentam uma construção tão simples, feita de lajes grandes e postas ao alto como as que aqui vemos (Est. 1).

No geral as cabanas para abrigar das intempéries são feitas aproveitando acidentes de terreno, ou rochedos, e a parte cons-

(6) Jorge Dias, *As Casarotas da Serra Amarela*, in «Tabalhos de Antropologia e Etnologia», vol. XI, fascs. 1-2, Porto, 1947, págs. 190-191.

(7) Jorge Dias, *As Casarotas...*, *ob. cit.* Estampa 1 e desenho da pág. 191.

(8) Jorge Dias, *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária*, Porto, 1948, págs. 67-74.

truída é feita de pedras pequenas encasteladas. Esta singularidade deve resultar dos materiais oferecidos pela natureza, pois o granito fende aqui em grandes lascas que se podem aproveitar sem mais trabalho.

Qualquer destes quatro tipos de abrigo usados na actualidade, conta entre as formas mais arcaicas da construção e relacionam-se intimamente com as habitações primitivas do género humano. Desde sempre, sobretudo em climas mais agrestes, o homem foi obrigado a construir abrigos. Uns de materiais vegetais, outros de peles, outros ainda aproveitando recantos naturais ou grutas. A pouco e pouco, através de séculos e milénios, certos povos, mais favorecidos ou mais bem dotados, chegaram a formas superiores de habitação, em que o conforto, o requinte, a beleza das linhas e a ornamentação constituem qualquer coisa de assombroso. Outros, porém, ou se conservam ainda no estádio mais rudimentar dessa evolução, ou ocupam um grau mais ou menos baixo na escala do progresso, a ponto de nos permitir quase que seguir as possíveis evoluções da habitação através do tempo.

Os abrigos da Serra do Soajo, são como o nome diz, meros refúgios contra as intempéries e contra as feras, e não habitações. A vida pastoril implica deslocações constantes dentro das largas áreas de pastos, e longas permanências longe das aldeias. Por isso, os pastores são forçados a construir abrigos, que pela sua simplicidade rústica e tendência conservadora, mantêm através dos tempos as formas mais primitivas da habitação do passado.

Só quem conhece estas paragens bravias, pobres e agrestes, compreende as causas que determinam a persistência das formas rústicas e dos aspectos culturais arcaicos.

O conforto da nossa vida de cidadãos leva-nos, por vezes, à apreciação injusta dos menos favorecidos, por ignorância dum condicionalismo rígido, que o etnógrafo deve procurar compreender e explicar.

JORGE DIAS.

Paremiologia jurídica galaico-portuguesa

A Bouza-Brey, confrade galego, por muitos títulos ilustre, como homenagem de viva simpatia e consideração.

O. D. C.

O distinto etnógrafo galego Fermin Bouza-Brey, que, além de investigador de raros méritos e apurada sensibilidade, é « magistrado de audiência » em Santiago de Compostela, publicou na